

**UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
INSTITUTO DE ARTES - IdA
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS**

SÔNIA MARIA DA COSTA FRANÇA

**UM OLHAR INCLUSIVO: IMAGENS NO ENSINO DE ARTES VISUAIS PARA
SURDOS**

**RIO BRANCO
2018**

SÔNIA MARIA DA COSTA FRANÇA

**UM OLHAR INCLUSIVO: IMAGENS NO ENSINO DE ARTES VISUAIS PARA
SURDOS**

Trabalho de Conclusão do Curso em
Artes Visuais, habilitação em
Licenciatura, do Departamento de
Artes Visuais do Instituto de Artes da
Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof.^a Dra. Ana Paula
A. Caixeta

**RIO BRANCO
2018**

SÔNIA MARIA DA COSTA FRANÇA

**UM OLHAR INCLUSIVO: IMAGENS NO ENSINO DE ARTES VISUAIS PARA
SURDOS**

**Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de
Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade de Brasília-UnB.**

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora: Prof.^a Dra. Ana Paula A. Caixeta

Prof.^a Dra. Maria Veralice Barroso

Prof.^o Dr. Luiz Carlos Pinheiro Ferreira

Rio Branco – Acre, 25 de junho de 2018.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que é o criador de todas as coisas, por ter me proporcionado chegar até aqui com sua infinita misericórdia. À minha mãe que, mesmo sendo semianalfabeta, sempre incentivou que eu estudasse. Agradeço ao grupo de professores do Cedup (Centro de Educação Permanente) no nome da professora Nilzete Costa, e em especial à nossa eterna tutora Marjane Andrade, que esteve conosco até o final do curso, ajudando, incentivando, nos apoiando nas maiores dificuldades mostrando que, mesmo não sendo mais tutora à distância, era nossa companheira. Enfim, a toda a equipe da Universidade de Brasília, aos professores e tutores que nos quatro anos e meio estiveram presentes à distância em nossas vidas.

RESUMO

O presente trabalho mostra como o ensino de Artes Visuais para surdos tem sido colocado em prática em relação ao uso de imagens pelos professores de Artes na inclusão escolar. É pensado aqui como a forma de ensinar pode ser primordial no desenvolvimento desses indivíduos, usando estratégias acessíveis como a utilização de imagens. Assim, este trabalho tem como objetivo analisar a utilização das imagens na educação de surdos na disciplina de Artes, com o intuito de identificar as relações encontradas entre textos e imagens. Para tanto, foi utilizado a revisão bibliográfica como método de pesquisa, onde vários autores expõem suas pesquisas mostrando a importância da iconografia como método didático na educação de pessoas surdas. Entende-se que os objetivos propostos nesta política de inclusão, bem como os métodos utilizados, não bastam para efetivar uma educação significativa, sendo necessário estudos, pesquisas, observações para chegar a um ponto comum, em que pense como os alunos surdos necessitam de imagens em sua vida escolar para poderem efetivar conceitos, sejam eles concretos ou abstratos.

Palavras – Chave: Educação de Surdos. Uso de imagens. Artes Visuais.

ABSTRACT

This dissertation seek to show how the schooling of the Visual Arts for the deaf community is being practiced regarding the use of images, the way it has been used to improve inclusion in the academic sphere. As the teaching method may be primordial in the developing of those people, using the accessible strategies such as the use of pictures. This way, this article goal is to analyze the role of images in the education of a deaf student while in the discipline of Arts, trying to find the correlation between texts and images. To achieve such, a review of the existing literature was used as the search material, where dozens of authors express their findings on the importance of iconography as a tool in the education of deaf people. Still, it came to a conclusion that the policy of inclusion, as well as the methods used to this day, are somehow deficient to effectively make a meaningful education, needing studies, researches and observations to get to a common ground, where the deaf students needs pictures on their education to assimilate concretes and abstracts concepts.

Key Words: Education of the deaf community. The use of images. Visual Arts.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos	21
Figura 2 - Estampa 2 sinais de comidas.....	22
Figura 3 - Estampa 3 sinais de bebidas.....	23
Figura 4 - “Birth Right 1” Artes Plásticas.....	26
Figura 5 - “Birth Right 2” óleo sobre algodão.....	26
Figura 6 - Pintura rupestre, Serra da Capivara.	29
Figura 7 - O Veado.....	30
Figura 8 - Negra tatuada vendendo caju. Jean-Baptiste Debret – aquarela sobre papel (1827).....	30
Figura 9 - Jean-Baptiste Debret.....	31
Figura 10 - Literatura de cordel, imagem retirado do livro: “Como usar artes visuais em sala de aula”.....	32

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos

INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

SUMÁRIO

Introdução	9
Capítulo I - As propostas metodológicas na história de educação de surdos	12
1.1. Método oralista	13
1.2. Método da Comunicação Total	15
1.3. Método do Bilinguismo	16
Capítulo II - O uso das imagens na educação de surdos na disciplina de Artes Visuais no Ensino Fundamental II.	19
Capítulo III – A metodologia utilizada pelo professor de Artes Visuais na sala de aula inclusiva	25
3.1. Cultura surda e sua importância no processo de ensino e aprendizagem dos sujeitos surdos	25
3.2. Proposições metodológicas na educação de surdos utilizando visualidades em sala de aula	28
Considerações Finais	355
Referências Bibliográficas	377

UM OLHAR INCLUSIVO: IMAGENS NO ENSINO DE ARTES VISUAIS PARA SURDOS

Introdução

A temática sobre educação de surdos traz vários adeptos, em que muitos pesquisadores, professores, surdos e ouvintes se empenharam em analisar e estudar, com um olhar inclusivo, a forma como se dá o processo de escolarização e a emancipação desses sujeitos.

Para pensar este trabalho, trago uma vivência de vários anos com alunos surdos, nos quais estive em muitas situações de falta de adaptação em sala de aula, carência de materiais didáticos, falta de metodologias adequadas, negação da acessibilidade. Sendo assim, percebi que os alunos aprendiam melhor quando expostos às imagens, principalmente quando o professor fazia a associação das palavras, conceitos, com imagens.

É um tema com sugestões pedagógicas relacionado à metodologia utilizada por professores em sala de aula inclusiva. Passei muitos anos desde o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais como língua oficial da comunidade surda, até o processo do bilinguismo, que é o uso de duas línguas, sendo a língua de sinais como língua de instrução e a Língua Portuguesa como segunda língua escrita. A percepção que tive ao ver as dificuldades desses alunos com as disciplinas ministradas em língua oral levou-me a ter interesse em pesquisar o porquê da necessidade de utilizar imagens no processo de ensino e aprendizagem dos alunos surdos.

Por esta razão, o trabalho irá mostrar o uso da imagem na educação de surdos na disciplina de Artes Visuais no contexto da inclusão, preocupado em como usar as imagens para disponibilizar conhecimentos aos sujeitos surdos. Propõe-se uma troca de informações significativas, em especial por eles serem pessoas que interagem com a sociedade através de uma comunicação gestual visual, ou seja, uma comunicação não verbal que utiliza principalmente das mãos para formar a sintaxe.

A pesquisa tem como foco aprofundar os estudos sobre como é possível o professor de Artes Visuais adaptar suas aulas usando a linguagem da cultura

visual para poder ensinar o aluno surdo. Neste trabalho, é importante compreender o êxito no que diz respeito ao direito de o mesmo usar a sua língua materna e aprender com recursos imagéticos conceitos concretos e abstratos.

O texto está dividido em três capítulos: o primeiro irá expor a metodologia utilizada ao longo da história da educação de surdos que, por muitos anos houve tentativas de fazer com esses alunos pudessem utilizar a mesma língua oral auditiva das pessoas ouvintes e, com o fracasso, foi sendo testado outros métodos que perpassam até os dias de hoje.

O segundo capítulo irá mostrar como o aluno surdo está inserido em sua cultura, que o ajuda a adentrar no meio social, interagindo com a cultura de pessoas ouvintes.

O terceiro capítulo expõe sobre possibilidades sobre uma metodologia que pode ser utilizada em sala pelo professor de Artes Visuais, como as imagens associadas a sintaxe, que poderiam atribuir um significado na compreensão desse discente.

A metodologia utilizada foi a pesquisa em livros, artigos e sites, que tivessem o foco a utilização de imagens no processo de ensino e aprendizagem de alunos surdos na disciplina de Artes.

A pesquisa possui uma abordagem qualitativa juntamente com a pesquisa bibliográfica, que se caracteriza por envolver a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação pesquisada. A pesquisa qualitativa caracteriza-se por não ser mensurável, por ser o sujeito e a realidade indissociáveis. Desta forma, a fonte de pesquisa utilizada foram as obras já produzidas sobre o objeto de estudo proposto como: revistas, dissertações, livros, teses e artigos.

O trabalho também busca formas de pensar uma qualificação e aprendizado relacionados à língua materna do sujeito surdo, aprofundando os estudos sobre como é possível o professor de Artes adaptar suas aulas usando a linguagem da cultura visual, para poder ensinar o aluno surdo e alcançar êxito no que diz respeito ao direito de o mesmo usar a sua língua materna para aprender com recursos imagéticos conceitos concretos e abstratos.

O trabalho com alunos surdos exige a necessidade de usar as imagens no processo de ensino e aprendizagem desde o início da escolarização,

respaldando que as escolas e os professores não estão preparados para usar uma metodologia diferenciada com esses alunos com necessidades especiais por falta de capacitação, de conhecimento aprofundado da língua de sinais usada pela comunidade surda, gerando uma aprendizagem defasada, com consequências desastrosas no futuro desses alunos. Não só crianças necessitam de recursos visuais como também todos os outros discentes, dessa forma, teoria precisa estar ligada à prática em um cenário de inclusão em que todos os alunos pudessem vivenciar um método de ensino com elementos visuais.

De acordo com esses apontamentos, o objetivo geral da pesquisa é analisar a imagem no ensino de Artes Visuais para surdo no contexto da inclusão escolar. Já os específicos, são:

a) identificar quais recursos visuais o professor utiliza no desenvolvimento de metodologias para ensinar alunos surdos;

b) verificar os métodos pedagógicos do professor e do meio educacional em relação ao processo de ensino na disciplina de Artes Visuais.

c) pensar o ensino das artes visuais em sala de aulas inclusivas de alunos surdos.

Capítulo I - As propostas metodológicas na história de educação de surdos

Vários pesquisadores e autores surdos como Gládis Perlin, Shirley Vilhalva, Ronice Quadros, Marianne Stumpf, Ana Regina Campello, e ouvintes Sandra Patrícia Nascimento, Carlos Skliar, Nídia Regina de Sá, Lucia Reily entre outros, analisam a questão de ensinar alunos surdos por meio de imagens como forma eficaz de colocá-los em uma situação de experiência com o desconhecido, tendo a concepção de que o sujeito surdo interage com o mundo por meio do visual, supõe-se que na sala de aula essa metodologia daria a oportunidade de uma aprendizagem para a vida.

Para Lucia Reily (2003) o uso de imagens é uma forma comum em vários meios, livros, receitas, folhetos, nas comunicações audiovisuais, no dia a dia do aluno, nos livros infantis estão presentes com mais eficácia, ajudam na construção do significado do texto. Não é só o valor estético que simboliza e classifica uma imagem, seu valor enquanto artefato cultural, pertencente ao mundo real do surdo, com a necessária importância de pensar como um instrumento que faz parte da aprendizagem do aluno que tem o mundo como algo em constante movimento. Quando este se apropria do significado através da visão, consegue associar conceitos abstratos partindo do concreto, compreender o que é o signo na sua língua materna o remete ao aprendizado da segunda língua que é a Língua Portuguesa. Será nessa associação que se dará a compreensão das palavras escritas.

Ronice Quadros (2005), em seus escritos, reporta a questão do campo visual, a autora mostra a importância da aprendizagem do sujeito surdo utilizando a imagem para, juntamente com a sua língua materna, poder fazer a associação entre a representação visual com o significante - o que um indivíduo ouvinte com todas as funções mentais perfeitas não precisaria para construir um conceito, para o surdo isso seria primordial.

Para Carlos Skliar (1998) a potencialidade de desenvolvimento da língua de sinais se dá nas estruturas cognitivas, suas funções serão desenvolvidas com o uso de processos pedagógicos que poderão auxiliar na aprendizagem significativa utilizando meios visuais.

O Decreto-lei nº 5626 de 2005 mostra que a pessoa surda é aquela que interage com o mundo através das experiências visuais, nesse sentido se entende que a educação seria baseada em uma metodologia específica que contemplasse o canal de comunicação que é utilizado por esses indivíduos.

O conceito para Turazzi (2009) de iconografia envolve várias disciplinas e a forma como estas utilizam em suas práticas a imagem, estão ligadas na construção do conhecimento e ao mesmo tempo se tornam em objeto de estudo.

Segundo Santaella (2012), os alunos são "bombardeados por mensagens que servem a inculcação de valores que se prestam ao jogo de interesses dos proprietários dos meios de produção de linguagem e não dos usuários" (p. 17).

Capovilla (2000), em seus estudos sobre língua de sinais coloca que em tempos mais remotos as pessoas surdas não faziam uso da fala oral, não eram consideradas como seres pensantes; acreditava-se que a mesma era incapaz de raciocínio, pois não tinha a articulação da fala, e em consequência disto, eram comparadas a animais. Capovilla cita Kant (1793) ao dizer que os surdos "nunca podem atingir mais do que um análogo da razão" (2000, p. 101).

Segundo Strobel (2009), a educação dos surdos foi marcada por muito sofrimento. Por muitos anos, as pessoas surdas eram excluídas da sociedade, não tendo seus direitos de cidadãos reconhecidos no meio social. Com a ajuda de alguns ouvintes, que perceberam que a surdez não era impedimento para o aprendizado deles, foram sendo encorajados a lutar por seus direitos, principalmente pelo reconhecimento de sua língua materna, a língua de sinais. Na sequência, serão apresentados alguns episódios da história dessas pessoas, trajetória de lutas em busca de reconhecimento pela sociedade e respeito aos seus direitos, quebra de paradigma de que as pessoas surdas são incapazes de relacionar-se e de adquirir conhecimento.

A pesquisa descreverá três modelos educacionais destinados ao ensino dos surdos: oralismo, comunicação total e bilinguismo.

1.1. Método oralista

A educação de surdos tem um longo trajeto no decorrer da história, marcada pelos questionamentos segundo Perlin e Strobel (2006) sobre o método educacional a ser utilizado que o levaria a desenvolver-se como um ser social utilizando a fala oral como meio de comunicação.

As autoras colocam como marco o Congresso de Milão que aconteceu na Itália em 1880. Neste evento, estavam presentes educadores surdos e ouvintes no qual discutiram qual a melhor proposta metodológica para a educação de pessoas surdas. O método adotado nesse congresso foi o oralismo, caracterizado pelo uso da voz, excluindo a língua de sinais. O que acarretou uma defasagem muito significativa no processo educacional, de acordo com Strobel (2009)

Em consequência disto, a qualidade da educação dos surdos diminuiu e as crianças surdas saíram das escolas com qualificações inferiores e habilidades sociais limitadas. Ali começou uma longa e sofrida batalha do povo surdo para defender o seu direito linguístico cultural, as associações dos surdos se uniram mais, os povos surdos que lutam para evitar a extinção das suas línguas de sinais (STROBEL, 2009, p. 37).

Os professores surdos, após este congresso, foram demitidos e substituídos por ouvintes. Por muito tempo, os profissionais da área de educação e os pais de crianças surdas ficaram convictos de que a fala era o melhor método a ser utilizado para normalização das pessoas surdas ocasionando a sua aprendizagem. Por isso, os surdos iniciaram, no final do século XIX, um grande movimento pelo uso da língua de sinais, visto ser ela que realmente contempla as necessidades interacionais dessas pessoas, possibilitando a aquisição de conhecimento.

Vale ressaltar que assim como na área educacional houve um retrocesso, banindo a língua de sinais, na área clínica buscava-se um meio de curar o ouvido doente do indivíduo.

Esse modelo educacional era baseado em estudos clínicos e tinha como principais características o treinamento auditivo, visando ao máximo o aproveitamento dos resquícios de audição do surdo e o desenvolvimento da fala e da leitura labial, pois para ser aceito diante da sociedade tinha que ser “perfeito”, não ter nenhuma deficiência.

1.2. Método da Comunicação Total

Por muitos anos percebeu-se que os alunos surdos não tiveram avanços em seu aprendizado e que muitos desistiram de ir à escola. Foram anos de fracasso escolar dos surdos, o que teve como consequência a necessidade de outra metodologia de ensino. Após, aproximadamente, cem anos de oralismo, segundo Albres (2005), vê-se a queda desse método, surgindo uma nova forma de se trabalhar com os surdos, a comunicação total.

A comunicação total era uma metodologia na qual havia mistura de língua oral, Língua de Sinais, sinais caseiros usados pelos surdos, gestos e imagens visando facilitar o ensino aprendizado deles. Esse novo modelo educacional foi muito positivo para a língua de sinais, pois abriu espaço para seu uso, promovendo, aos poucos, sua aceitação pela sociedade.

Apesar de as orientações do documento de 1979 serem exclusivamente ao oralismo, verificamos que as escolas procuram alternativas diferentes para o trabalho com surdos; assim, a Comunicação Total foi usada concomitante a ele. Acreditamos que, embora as pesquisas sobre LSCB (Língua de Sinais dos Centros Brasileiros) tenham-se iniciado em 1979, foi a perspectiva do uso da Comunicação Total nos ambientes educacionais que divulgou esse novo modo de pensar a pessoa com surdez (ALBRES, 2005 p. 33).

A difusão da comunicação total no Brasil e a abertura para o uso da Língua de Sinais gerou o surgimento de muitas associações, com objetivo de lutar por uma educação adequada a comunidade surda e por seus direitos como cidadãos brasileiros.

A comunicação total foi desenvolvida em meados de 1960, após o fracasso de oralismo puro em muitos sujeitos surdos, começaram a ponderar em juntar o oralismo com a língua de sinais simultaneamente como uma alternativa de comunicação (PERLIN; STROBEL, 2008, p. 15).

A comunicação total, apesar de ter como ponto positivo a permissão do uso de sinais, possuía falhas. Entre seus pontos negativos está a mistura das línguas, pois os professores oralizavam e sinalizavam ao mesmo tempo, não respeitando a estrutura gramatical do português e da língua de sinais. Isso era muito negativo para o surdo, pois dificultava a aprendizagem das línguas.

Esse modelo educacional, dessa forma, também não atendia às necessidades escolares dos alunos surdos e não possibilitava seu real aprendizado e verdadeira inclusão social. Por isso, surge, nos anos 1990, um terceiro método, o chamado bilinguismo, que será apresentado em seguida.

1.3. Método do Bilinguismo

De acordo com Perlin e Strobel (2008), o bilinguismo é uma proposta na qual as escolas utilizam duas línguas para o ensino do sujeito surdo. Atualmente, essa metodologia é vista como a mais adequada para a educação de crianças surdas, uma vez que valoriza a língua de sinais, sendo esta a primeira língua do sujeito surdo, havendo também o ensino do português como segunda língua, na modalidade escrita ou oral (STROBEL, 2009). Segundo Goldfeld (1997, p. 38, apud Perlin e Strobel 2006, p. 16):

O bilinguismo tem como pressuposto básico que o surdo deve ser bilíngue, ou seja, deve adquirir como língua materna a língua de sinais, que é considerada a língua natural dos surdos e como segunda língua, a língua oficial de seu país (...) os autores ligados ao bilinguismo percebem o surdo de forma bastante diferente dos autores oralistas e da comunicação total. Para os bilinguistas, o surdo não precisa almejar uma vida semelhante ao ouvinte, podendo assumir sua surdez.

De acordo com Skliar (1998-b) a educação bilíngue pode ser executada a partir de quatro diferentes projetos, sendo eles o bilinguismo com aspecto tradicional, o bilinguismo com aspecto humanista e liberal, o bilinguismo progressista e o bilinguismo crítico.

O bilinguismo com aspecto tradicional reproduz a visão colonialista sobre a surdez, com grande influência da visão do modelo oralista, na qual o surdo é visto como incompleto como aquele que precisa ser curado, apresentando inclinação para a globalização da cultura (SKLIAR, 1998).

O olhar do bilinguismo com aspecto humanista e liberal é um pouco diferente, sendo o surdo visto como aquele que possui igualdade natural com os ouvintes. A desigualdade demonstraria uma realidade de limitação social dos surdos.

De acordo com Skliar (1998), o bilinguismo progressista busca chamar a atenção para a questão da diferença cultural do surdo, porém essa diferença não é valorizada nem respeitada, não tendo os surdos, participação em questões políticas.

O bilinguismo crítico na educação de surdos destaca a importância da língua de sinais e suas representações na construção da identidade surda. Dessa forma, percebe-se que, durante muitos anos, as escolhas sobre qual seria a maneira de se educar os surdos foram feitas por ouvintes, não sendo levada em consideração a opinião dessas pessoas, seus anseios e necessidades. Faz-se fundamental que os surdos tenham suas vontades respeitadas e que se tenha consciência de que cada surdo possui uma necessidade diferente, como ser humano diferente que é e não devendo todos serem enquadrados como se fossem iguais.

O sujeito surdo interage com o mundo por meio de suas experiências visuais. Nos anos iniciais de escolarização são necessárias várias estratégias para conseguir uma aprendizagem com êxito. Como as imagens poderiam ajudar na construção da aprendizagem significativa e de que maneira seriam usadas com toda a classe para que o benefício se expandisse para todos os alunos?

A inclusão de alunos com deficiência nas escolas se faz cada dia mais presente na educacional atual. Foi reconhecida essa necessidade de inclusão no cenário internacional a partir da Declaração de Salamanca, na qual se afirma que:

As crianças e jovens com necessidades educacionais especiais devem ter acesso às escolas regulares, que a elas devem se adequar, já que tais escolas constituem os meios mais capazes para combater as atitudes discriminatórias (...), constituindo uma sociedade inclusiva e atingindo a Educação para todos (UNESCO, 1994, p. 8-9).

Portanto, observa-se que não é mais o aluno que necessita se adaptar à escola, mas a escola e os professores necessitam se adaptar aos alunos deficientes.

O sujeito surdo que está inserido no contexto escolar necessita ser visto como um ser que tem como primeira língua a língua de sinais e segunda língua a Língua Portuguesa. Neste ambiente, a prática escolar deve estar baseada e

adaptada para que a aprendizagem ocorra, tendo como suporte a sua primeira língua como uma língua visual espacial.

Segundo Sueli Fernandes (2003), é pela experiência visual que a pessoa surda constrói seus conhecimentos, contextualizando os referenciais visuais para inicialmente ter uma compreensão do todo.

Por meio das percepções visuais que os significados abstratos irão fazer sentido na língua.

O mundo que o cerca inicialmente será abstraído por meio do olhar, já as palavras são movimentos feitos pelas pessoas com a boca que, conseqüentemente, não terão sentido.

Quando as crianças surdas são submetidas desde pequenas com a cultura visual e tendo como primeira língua a língua de sinais, teremos um sujeito que vivenciou as etapas da língua no momento adequado. Strobel (2008) explica que essas percepções visuais são artefatos culturais peculiares da cultura surda, formando seu modo de conceber a sociedade e estar presente nela.

A Lei Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, em seu artigo 59, estabelece que “os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência: currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica, para atender as necessidades destes alunos”. A utilização de imagens visuais no ensino de alunos surdos é um recurso pedagógico propício ao desenvolvimento cognitivo desse indivíduo que concebe o mundo através da visão.

Ao ter contato com as imagens, sejam elas desenhos, fotografias, pinturas, gravuras, esculturas ou outras artes visuais, elas permitem a ligação do signo com o significante para formar um conceito convencionalizado socialmente, para entrar na complexidade da leitura e escrita, que seria o ponto mais difícil para a aprendizagem desses alunos.

A associação entre texto escrito e imagem faz com que o aluno foque seu olhar na imagem e faça uma suposição do que estaria escrito, já que, para alunos surdos a Língua Portuguesa é considerada segunda língua e difícil pelo fato de ter em sua estrutura a oralidade. Nesse contexto vale ressaltar a importância da utilização dessas imagens na estimulação do raciocínio e visão de complexidade sobre o cotidiano do aluno surdo. Lembrando que esse

indivíduo já vem para a escola com um nível de aprendizagem considerável para ser relacionado com o contexto formal, em que a imagem tem um papel primordial na construção do significado e contexto do que se quer expor.

Capítulo II - O uso das imagens na educação de surdos na disciplina de Artes Visuais no Ensino Fundamental II.

O uso da imagem na educação de surdos é um processo novo em relação à sua história e por muito tempo procurou-se um método que pudesse curar a surdez, ensinando o surdo a falar, treinando-o, por castigos. Para Strobel (2009)

O primeiro artefato da cultura surda é a experiência visual em que os sujeitos surdos percebem o mundo de maneira diferente, a qual provoca as reflexões de suas subjetividades: De onde viemos? O que somos? Para onde queremos ir? Qual é a nossa identidade? (STROBEL, 2009, p. 40)

Conforme já citado, a comunicação e a informação da pessoa surda, se dá mediante a utilização da LIBRAS e da Língua Portuguesa. O que em cumprimento as legislações vigentes no Brasil no que se refere a educação de pessoas surdas, as escolas devem oferecer mecanismos para que tal comunicação seja repassada de forma eficiente.

A escola é o espaço fundamental para o desenvolvimento linguístico, pois é nela que a maioria das crianças surdas tem o contato com a LIBRAS, sendo esta, instrumento para a concepção de mundo. Por ser a Língua Portuguesa importante para a escrita, a criança surda é ensinada com os mesmos métodos e materiais criados para as crianças ouvintes, o que leva a necessidade de adaptações dos métodos, bem como, a utilização de novos recursos para o alcance dos objetivos (SOFIATO et al., 2014).

Considerando a escola como o lugar de interação entre a criança surda e a Língua de Sinais, é necessário que o professor tenha o domínio na utilização desta língua, pois a mesma é o principal instrumento de comunicação e transferência de conhecimento.

A falta de conhecimento por parte do professor das necessidades das pessoas surdas no âmbito educacional, bem como a falta de domínio da língua

de sinais, tem consequência direta no ensino dessas pessoas. Essa falta de domínio por parte do professor é a realidade do contexto escolar brasileiro, onde o mesmo recebe essas crianças, cheio de conceitos e preconceitos, no que se refere a surdez (FISCHER E KIPPER, 2016; SOFIATO et al., 2014).

Assim, para o alcance de resultados satisfatórios no que se refere ao aprendizado, novas metodologias são propostas, sendo os recursos visuais um método eficiente, desde que usados de forma correta. Porém Karnopp; Pereira (2012, apud Paixão e Sofiato, 2016, p. 2) chama a atenção para os cuidados que se precisa ter.

Observa-se que a tarefa de desenvolver o letramento visual com alunos surdos é desafiadora e tem levado alguns autores, tais como: Gesueli (2003), Karnopp; Pereira (2012), Goés (2002), Lodi (2006), entre outros, a dedicar-se profundamente a essas questões. Além disso, há outra gama de autores que têm se dedicado ao estudo do uso de recursos visuais no processo de ensino a alunos surdos. [...]

Analisando a obra da autora Cassia Sofiato (2011,) que pesquisou minuciosamente sobre a origem dos desenhos da língua de sinais de Flausino da Gama¹ do ano de 1875 - aluno do Imperial Instituto dos Surdos-Mudos do Rio de Janeiro, primeira escola especializada em educação de surdos - produziu a *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos* em uma oficina de litografia, no século XIX. Percebe-se que já no século citado havia uma necessidade de usar o desenho como meio de ensinar alunos surdos, Sofiato (2011) citando Rocha (2007) explica que Flausino era um aluno de destaque por ser excelente repetidor, o mesmo tinha a responsabilidade de assistir a aula do professor regente e depois repetir com os alunos surdos a lição estudada.

Essas litografias mostravam a reprodução do desenho de sinais manuais que Flausino provavelmente conhecia muito bem. A autora explica que ele descrevia com precisão cada sinal manual originado da língua de sinais francesa, mesmo que não sendo capaz de mostrar a língua de sinais brasileira de uma forma abrangente. Sofiato (2011): [...] “Flausino acabou instituindo uma

¹ Flausino José da Costa Gama era surdo e aluno do Imperial Instituto dos Surdos Mudos, autor da obra *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos* utilizando a técnica da litografia em 1875.

tradição iconográfica para a língua de sinais, servindo de referência para os ilustradores com a incumbência de ilustrar materiais dessa natureza”.

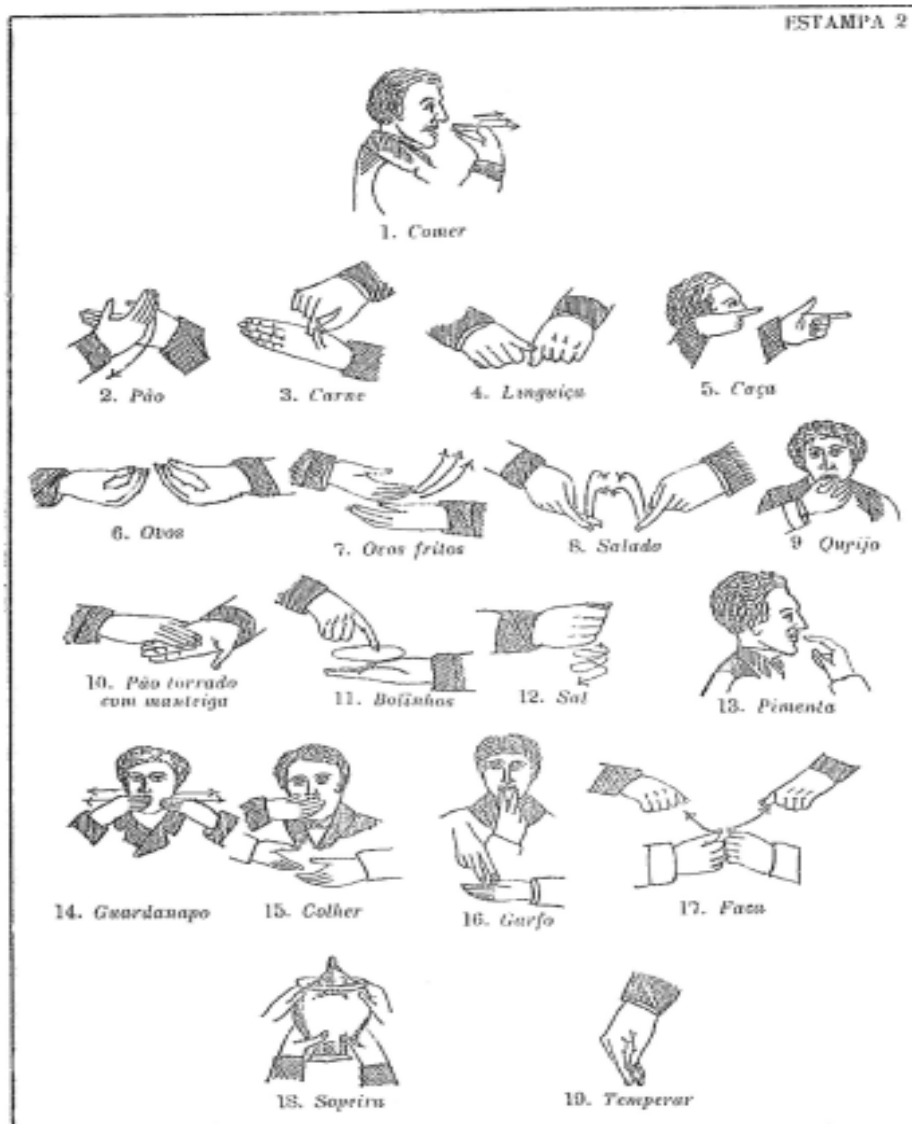
A seguir serão mostradas algumas imagens que Flausino deixou como legado para uma geração futura. Seus desenhos são usados até hoje pela comunidade surda, como alguns sinais e precisamente o alfabeto manual que herdamos. Essas gravuras foram retiradas da tese de Cássia Sofiato (2011), que em suas pesquisas descobriu que Flausino as copiou de um outro surdo francês chamado de Pierre Pélissier, anos antes.

Figura 1 - Iconografia dos Sinaes dos Surdos-Mudos



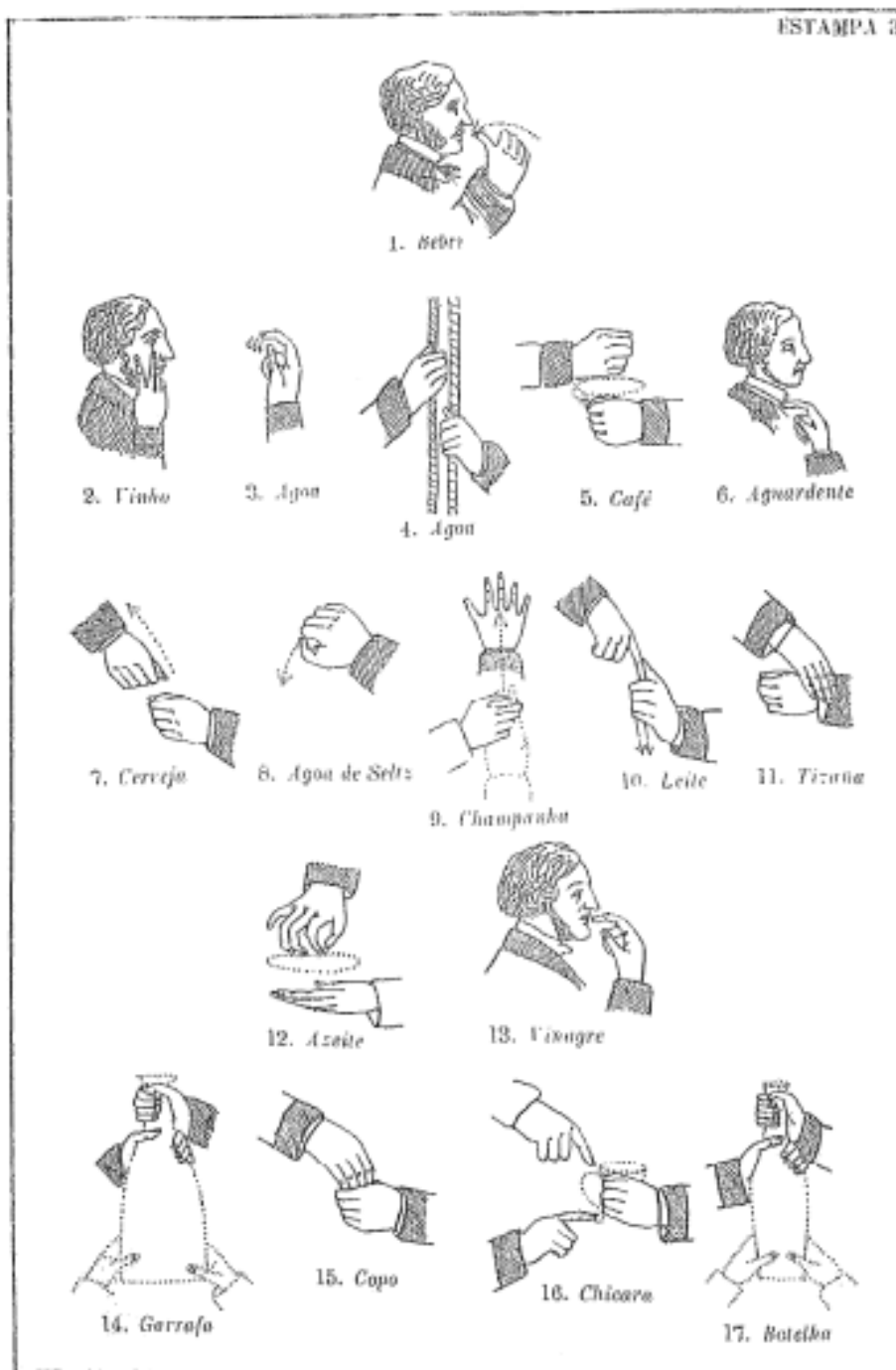
Fonte: Flausino José da Gama (1875).

Figura 2 - Estampa 2 sinais de comidas.



Fonte: Flausino José da Gama (1875).

Figura 3 - Estampa 3 sinais de bebidas.



Fonte: Flausino José da Gama (1875).

Segundo Sofiato (2011) essas imagens datam o ano de 1875. Nessa época, já havia uma necessidade de registrar os desenhos para que as pessoas surdas pudessem visualizar os sinais. Com as mudanças e avanços ocorridos ao longo dos séculos sobre a educação de surdos, as leis que oficializam a sua língua de sinais como língua nacional da comunidade surda e os desenhos que vários pesquisadores utilizam hoje são herdados de Flausino da Gama. Alguns foram modificados. A partir desta obra, muitos outros desenhos foram feitos e gradativamente foram sendo aperfeiçoados.

Foi no método do bilinguismo que se consolidou a importância do uso da imagem como meio didático-pedagógico na educação de surdos, em especial, ao valorizar a língua de sinais como primeira língua e sua estrutura visual espacial para o sujeito surdo.

Conceitos de palavras que tenham significados concretos serão expostos com a representação visual, a imagem nesse processo tem uma importância de ligar o nome ao objeto formando uma significação e posteriormente a aprendizagem. A forma como é ensinado ao sujeito surdo difere do sujeito ouvinte no aspecto de composição, é necessário um ponto de partida para trazer a memória conceitos e lembranças, o método do bilinguismo ao utilizar a língua de sinais como primeira língua de instrução parte desse pressuposto de associação de imagem com o conceito.

Já no conceito de palavras abstratas é necessário uma contextualização maior, nesse processo poderão surgir mais imagens para se chegar a culminância, representações visuais para o aluno ter uma ideia do significado real da palavra ou sentença.

Capítulo III – A metodologia utilizada pelo professor de Artes Visuais na sala de aula inclusiva

O trabalho com recursos visuais estabelece uma relação entre o sujeito surdo e a imagem quando utilizado pelo professor de Artes Visuais em seus planejamentos, tornando-se uma proposta favorável ao processo metodológico de ensino.

3.1. Cultura surda e sua importância no processo de ensino e aprendizagem dos sujeitos surdos

Ao iniciar a proposta sobre o processo de ensino e aprendizagem dos alunos surdos na disciplina de Artes Visuais, é importante ressaltar sobre o valor da cultura surda no meio educacional, bem como a maneira como esses sujeitos concebem o mundo colocando suas manifestações intelectuais, religiosas, artísticas, experiências de vida como meio de partilha com seus pares que é o outro ser surdo. De acordo com Costa, Silveira e Sommer (2003):

Cultura deixa, gradativamente, de ser domínio exclusivo da erudição, da tradição literária e artística, de padrões estéticos elitizados e passa a contemplar, também, o gosto das multidões. Em sua flexão plural – culturas – e adjetivado, o conceito incorpora novas e diferentes possibilidades de sentido. É assim que podemos nos referir, por exemplo, à cultura de massa, [...] às culturas juvenis, à cultura surda, à cultura empresarial, ou às culturas indígenas, expressando a diversificação e a singularização que o conceito comporta (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 36).

Segundo os autores, essa cultura passa a ser apreciada por uma população significativamente grande e quando é expandida e vista por um maior número de pessoas, o acesso fica mais viável. Em relação à cultura surda, seus feitos saíram do muro que cercava a comunidade surda como minoria e foi sendo observada pela comunidade ouvinte que adentrou e usou a sua língua materna, que é a língua de sinais.

A maneira como os sujeitos transformam o mundo, com suas criações, e as necessidades de mostrar através de suas experiências visuais a própria

identidade enquanto povo que utiliza as mãos como meio de comunicação faz da linguagem por meio de sinais um processo intuitivo.

A comunidade surda partilha experiências visuais com significados próprios linguísticos, culturais e visuais. Rob F. Walker, artista surdo nascido ao fim da década de 1950 no Arkansas (EUA), nos mostra como a forma de suas pinturas tem como foco as mãos como ponto principal no quadro.

Figura 4 - “Birth Right 1” Artes Plásticas.



Fonte: Rob F. Walker, 2015.

Figura 5 - “Birth Right 2” óleo sobre algodão.



Fonte: Rob F. Walker, 2015.

As formas das expressões nas pinturas acima são pensadas de um jeito diferente do convencional no ambiente ouvintista, pois as mãos não ganhariam tanta relevância quanto para o ambiente surdo, mostrando que o artista dá ênfase ao que poderia ser comunicado visualmente.

A apresentação dos surdos como grupo cultural minoritário, como explica Strobel (2009), aponta a definição de cultura surda:

O jeito de o sujeito surdo entender o mundo e modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-o com suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas. [...] Isso significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo. (STROBEL, 2009, p. 27).

A autora expõe que a inclusão das pessoas surdas se dá em várias esferas: no meio social, no ambiente de trabalho, no campo religioso; não somente na área educacional. Quando se fala em cultura refere-se ao todo de um indivíduo e dessa forma a sua isenção na sociedade se dá com todos os seus artefatos culturais.

O relatório sobre a Política Linguística de Educação Bilíngue da SECADI-Secretaria de Alfabetização Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (p.13), Grupo de Trabalho, designado pelas Portarias nº 1.060/2013 e nº 91/2013 do MEC/SECADI, expõe sobre a cultura surda e identidade. O presente relatório foi formado por um grupo de pesquisadores e professores surdos e ouvintes para atender a real necessidade de uma reformulação sobre a escolaridade das pessoas surdas:

A inserção do indivíduo numa cultura propicia o desenvolvimento e a afirmação de identidades. A cultura surda e a pedagogia do surdo, um jeito de ensinar ao surdo, partem de experiências sensoriais visuais, das línguas de sinais, dos educadores surdos, do contato da comunidade com os pais, com as crianças, com a história surda e com os estudos surdos.

A pessoa surda serve-se da linguagem constituída de códigos visuais com capacidade de desenvolver significantes e significados que lhe propicie acesso ao conhecimento. A visão, além de ser meio de aquisição de linguagem é meio de desenvolvimento. Isso acontece porque a cognição dos surdos se desenvolve de um modo totalmente visual, diferente dos ouvintes que utilizam a audição para se comunicar, para captar explicações, conceitos, significados.

As línguas de sinais se dão de forma gestual espacial. São ágrafas na forma convencional da escrita, ou seja, a conversação ocorre em tempo real através da visão e do gesto. Sendo assim, a utilização da imagem e o texto em Língua Portuguesa escrito juntos, sendo explicado através da língua de sinais, farão com que o surdo consiga uma compreensão significativa que possa levá-lo ao letramento.

Sofiato et al., (2014, p. 3) descreve a pessoa humana como sendo cheia de representação visuais, pois “as nossas ideias e criações, lembranças e sonhos, enfim, toda a nossa experiência se apresenta em séries de imagens”. A autora vai além, quando descreve que desde bem pequenos, nosso primeiro meio de leitura é a leitura de imagens. Essas representações em sala de aula levam o professor a repensar no seu fazer pedagógico, pois o processo de criação da Arte vem de uma junção da cultura do indivíduo e o novo no seu campo simbólico que pode ser individual ou coletivo.

3.2. Proposições metodológicas na educação de surdos utilizando visualidades em sala de aula

O professor de Artes Visuais, ao colocar fatos históricos para poder contextualizar sua aula, primeiramente deveria trazer ao ambiente escolar as imagens que poderiam estar vinculadas com o que estaria sendo explicado. Há a necessidade de as pessoas surdas terem contato com a Arte e fazê-la florescer, bem como seus significados, suas apreciações, para, enfim, poder criar a partir dos conhecimentos adquiridos.

Se tentarmos elucidar o sentido social da arte, [...] A arte é o social em nós, e se o seu efeito se processa em um indivíduo isolado, isto não significa, de maneira nenhuma, que as suas raízes e essência sejam individuais. É muito ingênuo interpretar o social apenas como coletivo, como existência de uma multiplicidade de pessoas. O social existe até onde há apenas um homem e suas emoções pessoais (VYGOTSKY, 1999, p. 315).

Para o aluno surdo, a capacidade de ver é bem mais aguçada e com a devida orientação do professor de Artes Visuais no sentido de explorar a imagem, dando sentido ao seu significado. A ligação da disciplina com a inclusão torna o processo de ensino mais acessível, pois, quando o professor canaliza suas atividades valorizando uma outra cultura existente em sala de aula, pegando elementos visuais e aplicando na sua prática pedagógica, dando um real significado à leitura de imagens, associando o texto escrito com o sentido imagético, seja ele, concreto ou abstrato como figuras, poemas, etc., isso viabilizaria ações para um desenvolvimento educacional no contexto da inclusão.

Nas duas imagens mostradas abaixo, o assunto da disciplina de Artes Visuais com o tema Pintura Rupestre traz a proposta metodológica em uma sala inclusiva, em que as imagens permitem que se compare dando um sentido à história, mostrando o passado.

Figura 6 - Pintura rupestre, Serra da Capivara.



Fonte: PT Ciência online.

Primeiramente, o professor inicia mostrando a figura 6 e indagando o que seria, com questionamentos para toda a turma. Por ser um assunto conhecido razoavelmente, alguns alunos irão responder o que sabem. Com os alunos surdos é diferente. Se isso não fizer parte da sua vivência, eles ainda não terão um conceito sobre o assunto ou objeto, pois não chegou a eles como ensinamento audível da mesma forma que um aluno ouvinte. Dessa forma, a ideia seria a de se iniciar mostrando a figura 07, que é de uma fotografia de um veado fêmea com seu filhote, e, partindo dessa explicação mostra-se a figura anterior, que é um desenho na parede de uma caverna.

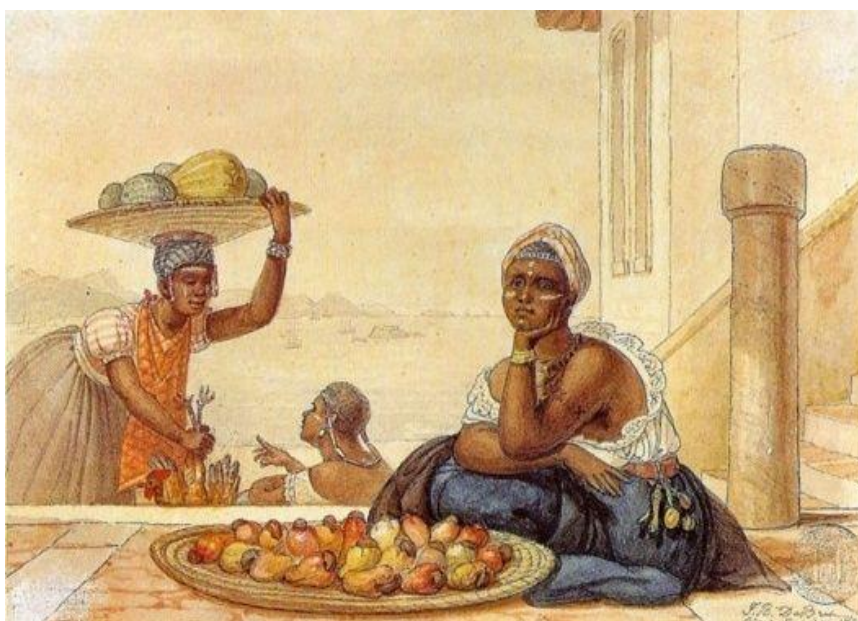
Ao fazer essa comparação, a imagem real irá trazer à memória do aluno surdo o conhecimento prévio que lhe é criado através da visão e não da audição. A aproximação de imagens reais, que estão em vários lugares na sociedade, no meio cultural, faz com que o aluno surdo associe ao seu conhecimento já existente e, partindo desse pressuposto, inicia-se a exposição sobre Pintura Rupestre.

Figura 7 - O Veado.



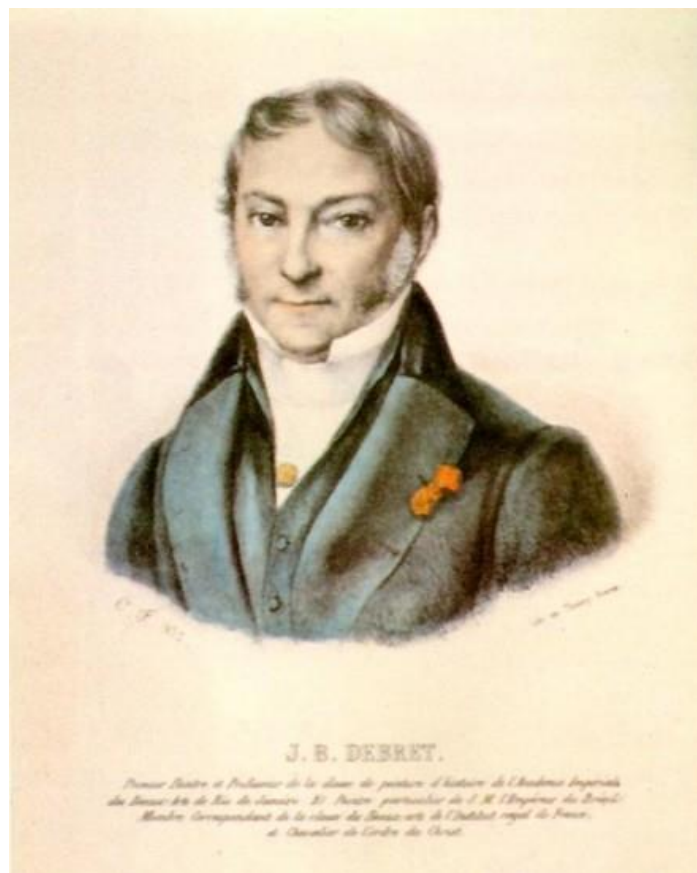
Fonte: apaginadomonteiro.net online.

Figura 8 - Negra tatuada vendendo caju. Jean-Baptiste Debret – aquarela sobre papel (1827).



Fonte: <http://idd.org.br>– online.

Figura 9 - Jean-Baptiste Debret.



Fonte: infoescola online.

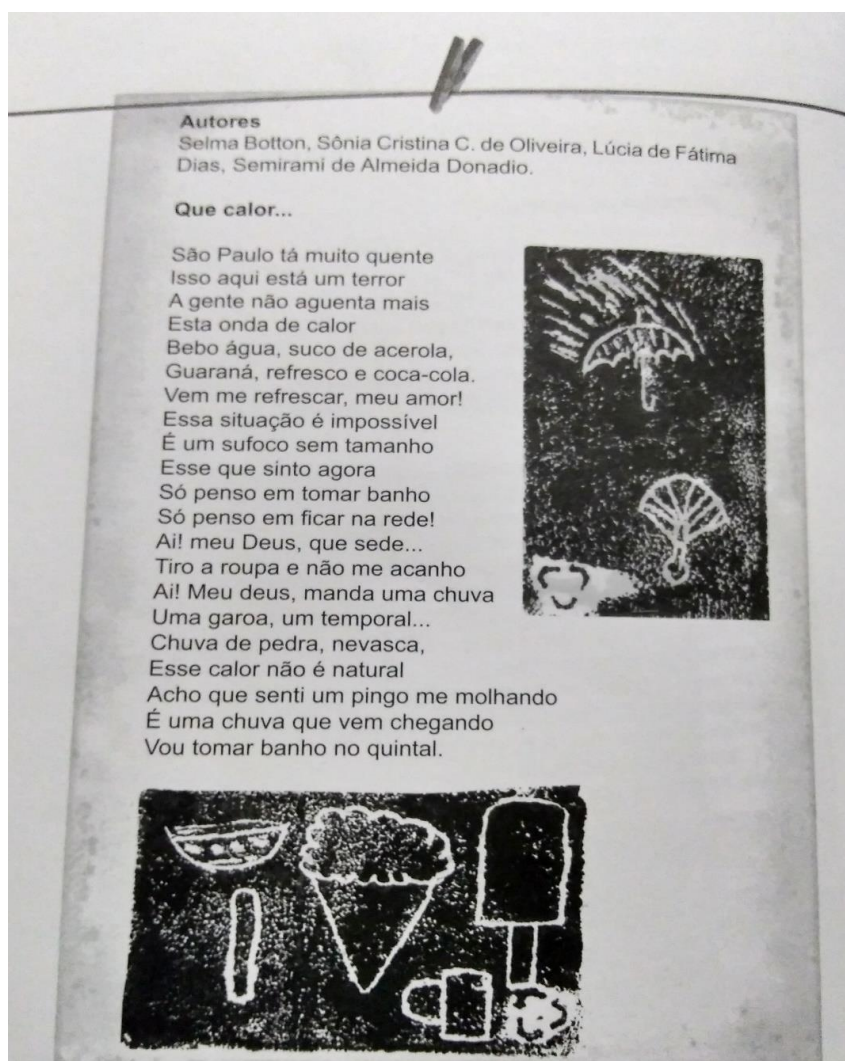
Nas duas figuras 8 e 9 trazidas acima, o professor deverá iniciar com a imagem do pintor Jean-Baptiste Debret, explicando onde nasceu, como iniciou na pintura, fazendo toda uma contextualização sobre a biografia do artista, para depois mostrar as suas obras. Ao mostrar a imagem 08, é importante explorar o sentido que o artista quis passar, o que a negra pensativa quer mostrar e que momento era aquele em que o mesmo pintava pessoas negras, os seus sofrimentos. Essas indagações são importantes para poder levar o aluno surdo a pensar na história, na influência da arte em seus diferentes momentos.

Todo o processo didático acompanhado com imagens, sejam elas nos livros didáticos, nos slides, em fotografias reproduzidas, em folhas A4 circulando pela sala, o importante é que o processo se dê acompanhado com a imagem para que o aluno surdo traga associações e novas aprendizagens através da visão.

As aulas somente expositivas com falas orais não são suficientes e fica a cargo do tradutor e intérprete de língua de sinais encontrar uma maneira para mostrar ao aluno surdo essa contextualização, não sendo uma aprendizagem muito significativa, já que é o professor que tem essa responsabilidade e formação acadêmica do processo de ensino e aprendizagem, ou seja, as adaptações deverão ser feitas por ele.

A apreciação estética das Artes Visuais é necessária para aluno surdo assim como o ouvinte. Para que se tenha uma compreensão do poder transformador, da inquietação, da recriação e das constantes mudanças que a Arte faz na sociedade, é necessário estar sempre atrás de novas possibilidades e novos métodos que auxiliem a levá-la para sala de aula.

Figura 10 - Literatura de cordel, imagem retirado do livro: “Como usar artes visuais em sala de aula”.



Fonte: Katia Helena Pereira, pg. 118.

Na figura 10, a literatura de cordel associa texto escrito em Língua Portuguesa com a imagem. Essa técnica é bem sugestiva em relação ao aluno surdo, já que ele talvez não conheça a forma escrita. A imagem daria uma ideia do que tem no texto e nessa perspectiva seria explorado primeiro as imagens, fazendo perguntas do que o aluno acha que mostra a imagem; o que tem na figura que ele reconheça, e, depois, pedir que faça a leitura, pois a escrita em Língua Portuguesa para o aluno surdo não é algo simples. A sua língua, que é a língua de sinais, tem uma estrutura visual espacial comparando com a Língua Portuguesa, que é oral auditiva, e, dessa forma, a grande maioria não tem uma base sólida da aprendizagem e estimulação da fala e da escrita em Língua Portuguesa. Por isso a importância do uso da imagem no processo escolar.

É importante que o texto seja repartido em pedaços e que o professor explique frase por frase, esclarecendo com outros exemplos as palavras que não são conhecidas, dando conceitos aos sinais.

No texto poético, existem palavras com sentido abstrato e figurado e isso precisa ser mostrado para o aluno surdo e colocado em um contexto ou até mesmo dar exemplos em sua própria realidade, para que faça sentido o que está escrito. Todo esse processo pode ser cansativo para alunos ouvintes, mas para os alunos surdos é necessário. Vale ressaltar que eles não têm uma realidade familiar, na construção de conhecimento de mundo e geralmente as famílias são de pessoas ouvintes e a língua materna é a em versão voz. Isso acarreta uma perda de aprendizagem em tempo adequado e quando esse sujeito chega à escola, faltam muitas informações importantes para o seu desenvolvimento natural enquanto ser humano inserido em uma sociedade.

O uso das tecnologias, a comunicação virtual, especificamente o celular trouxe uma facilidade no desenvolvimento da comunicação através de textos, gravação e chamada de vídeo, é um recurso muito utilizado em sala de aula por educadores de surdos, sejam intérpretes ou professores bilíngues. Os vídeos produzidos para explicar assuntos relacionados ao processo educacional em língua de sinais, tem a finalidade de esclarecer o texto escrito da disciplina. Em minha vivência enquanto tradutora e intérprete de língua de sinais na educação básica, presenciei momentos práticos de ensino no qual tive que fazer as adaptações metodológicas, usava uma prancheta com papel A4 para relacionar as explicações expositivas dos professores com o desenho,

as figuras no livro didático foram de grande valia, pois era desprezada pelo docente, mas muito valorizada pelo aluno surdo, eu conseguia mostrar as imagens, sejam elas fotos, desenhos e figuras, e trazer à memória a aprendizagem que o aluno tinha, desse ponto partíamos para a associação, conceito x imagem. Usávamos o celular como tecnologia assistiva, infelizmente não é um método de ensino usado com todos os alunos da turma, era uma prática usada somente com alunos surdos, fazia gravação de vídeos em língua de sinais das explicações de conteúdos, era necessário escolher os textos que eles tinham mais dificuldades, e enviava para o grupo de WhatsApp formado por intérprete e alunos surdos, eles visualizavam e davam uma devolutiva afirmando se entenderam ou não.

A avaliação ocorrerá nessa perspectiva, caso ele não tenha estruturado a escrita da língua portuguesa, existem métodos avaliativos para verificação da aprendizagem, e o desenho é um deles, pedir que o aluno desenhe as suas respostas é uma forma de avaliação adaptada, pois ele tem o conhecimento, mas não tem o português escrito, que é um outro processo de aprendizagem que seria suprido na sala de atendimento educacional especializado-AEE.

Usava adaptações para que pudesse ocorrer a aprendizagem, recorria a metodologias e recursos didáticos que suprissem a necessidade de aprendizagem dos alunos que não aprendiam através da audição. Temos variedades de ambientes e recursos dentro do ambiente escolar, por exemplo: sala de vídeos, cartazes, revistas, o próprio livro didático com muitas imagens e figuras, sala de informática, as redes de internet gratuita instalada nas escolas públicas para utilização do celular, a biblioteca com o espaço para leitura e pesquisas com bastante visualidades. Toda essa gama de recursos poderia ser cuidadosamente planejada para atender os alunos com deficiências, dando-lhes os meios adequados para garantir o direito de aprendizagem.

Considerações Finais

A história da educação de surdos mostra que, por muito tempo, houve uma imposição do oralismo, por parte da comunidade ouvinte, bem como métodos diferentes utilizados como ideais para normalizar o que se pensava ser uma doença incapacitante, que é a surdez. Insistiram, por longa data, fazer com que a fala por meio da voz fosse utilizada pelas pessoas surdas e isso acarretou em um prejuízo grandioso no desenvolvimento social das mesmas.

Ao analisar o que vários pesquisadores e estudiosos da área buscaram possibilidades de métodos de ensino para essas pessoas, verifica-se que a aprendizagem poderia dar-se de uma forma mais dialógica. Por ser uma língua visual espacial, a Libras remete ao uso da iconografia no processo de ensino e aprendizagem de modo natural.

Na disciplina de Artes, o desenho, a figura, as imagens no geral, tem a sua importância nesse ensino. Ao mostrar a junção da palavra e o seu significado, a iconografia e o seu contexto, a aprendizagem do sujeito surdo ocorre dentro do seu perfil cognitivo, que é conceber o mundo através da imagem.

A metodologia inadequada dos docentes em sala de aula torna o processo de ensino sem sentido para o aluno surdo, pois o faz olhar algo que não se entende, logo, não interessa. É dessa forma que o sujeito sem audição vê a aprendizagem. Quando o professor tem conhecimento da língua de sinais, da cultura surda, dos artefatos culturais que identificam o modo como esse ser vive no mundo, torna mais fácil ele querer aprender.

As políticas públicas estaduais voltadas para o ensino de alunos surdos asseguram acessibilidades, adaptações metodológicas, professores capacitados, enfim um modelo promissor, mas a realidade não está de acordo com os documentos oficiais dessas políticas. O que temos são realidades controversas, o foco principal é a utilização da língua de sinais dentro do ambiente escolar, e encontramos professores sem o mínimo de conhecimento da língua, ou ainda pior, professores que trabalham a anos na inclusão que se recusam a aprender o básico para se comunicar com a comunidade surda da escola.

O preconceito ainda é muito latente, o ensino é totalmente ministrado dentro da oralidade, mesmo a Libras sendo uma língua reconhecida oficialmente da comunidade surda, com muitas lutas e avanços em âmbito nacional, não a torna uma língua de instrução para alunos surdos, vale lembrar que o indivíduo não escuta pelo canal auditivo, ele vê a comunicação, é uma modalidade diferente da grande maioria discente, quando a informação é passada pela voz, esse sujeito surdo não compreende acarretando um déficit na construção da sua identidade.

Quando se fala de aprendizagem significativa é importante ressaltar que existem dois lados do processo, uma que é o professor que necessita de capacitação, de orientações sobre como trabalhar com uma outra língua, e do aluno que é a peça principal do cenário educacional, mas que também precisa querer estar inserido em um ambiente que lhe proporcione aprendizagem.

Referências Bibliográficas

ALBRES, N. A. **A educação de alunos surdos no Brasil do final da década de 1970 a 2005: análise dos documentos reverenciadores**. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2005. Disponível em: <www.editora-araraazul.com.br/cadernoacademico/007_teseneiva.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2018.

BRASIL. Decreto nº. 5.626, de 22 dez. 2005. **Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras**, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dez. 2005.

_____. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **LDBEN**. Ministério da Educação: Brasília – DF, 1996.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A. C. L. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**. Volume I: Sinais de A a L. 2. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001a.

COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. H.; SOMMER, L. H. **Estudos culturais, educação e pedagogia**. Revista brasileira de educação. Rio de Janeiro, n. 23, p. 36-61, 2003.

_____. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**. Volume II: Sinais de M a Z. 2. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001b.

FERNANDES, S. **Educação Bilíngue para Surdos: identidades, diferenças, contradições e mistérios**. Tese de doutorado. Universidade Federal do Paraná.

FERRAZ, M.; Helena C. de Toledo. FUSARI, MF. De Rezende. **Metodologias de ensino das artes**. Ed. Lortez. São Paulo: 1999.

QUADROS, R. M. O bi do bilinguismo na educação de surdos In: **Surdez e Bilinguismo**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005.

LACERDA, C. B. F. **A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência.** Cad. Cedes, Campinas, vol. 26, n. 69, p. 163-184, maio/ago. 2006. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 01 de novembro de 2017.

LUCHESI, M. R. C. **Educação de Pessoas Surdas: Experiências vividas, histórias narradas.** Campinas, SP: Papyrus, 2003. (Série Educação Especial).

MARTINS, R.; TOURINHO, I. **Cultura das imagens: desafios para a arte e para a educação.** Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2012.

_____. Ministério Da Educação, Secretaria De Educação Especial. **Educação infantil saberes e práticas da inclusão.** Brasília, 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/surdez.pdf>>. Acesso em: 01 de novembro de 2017.

PERLIN, G.; MIRANDA, W. Surdos: o Narrar e a Política: In: **Estudos Surdos-Ponto de Vista;** Revista de Educação e Processos Inclusivos n. 5, UFSC/NUP/CED, Florianópolis, 2003.

PERLIN, G.; STROBEL, K. **Fundamentos da Educação de Surdos.** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

REILY, L. H. Imagens: o lúdico e o absurdo no ensino de arte para pré-escolares surdos. In SILVA, I. R.; KAUCHAKJE, S.; GESUELI, Z. M. (Orgs.). **Cidadania, surdez e linguagem.** São Paulo: Plexus. 2003.

ROPOLI, E. A. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: a escola comum inclusiva.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2010.

SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo.** São Paulo: Iluminuras, FAPESP, 2004.

SKLIAR, C. **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

SOFIATO, C. G. et al. **O uso da Iconografia/Imagem na Educação de Surdos Diálogos Possíveis.** Eduece – Livro 3. Didática e Prática de Ensino na relação com a Sociedade. 2014. Disponível em:

<<http://www.uece.br/endipe2014/ebooks/livroUSODAICONOGRAFIAIMAGEMNAEDUCADESURDOSDIALOGOSPOSSIVEIS.pdf>> Acesso em: 27 mar. 2018.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis. Editora UFSC. 2008.

TURAZZI, M. I. **Iconografia e Patrimônio**: o catálogo da exposição de História do Brasil e a fisionomia da nação. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2009.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia da Arte**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999.